

O ESTILO DE APRENDIZAGEM DO DISCENTE DE UM CURSO DE ADMINISTRAÇÃO

WANDERSON DUTRA GRESELE¹

ROMERIO GOMES MARIANO²

RESUMO:

Buscando apreender o estilo de aprendizagem do acadêmico de Administração de um curso de Ensino Superior do médio oeste paranaense, segundo os pressupostos de David Kolb, esta pesquisa objetivou descrever os métodos de aprendizagem vivencial; discutir a proposta de aprendizagem vivencial proposta por Kolb; e apresentar o perfil e estilo de aprendizagem do docente de Administração de. No desenvolvimento da pesquisa foi utilizada uma abordagem quantitativo-descritivo, com uma técnica de coleta de dados proposta por Kolb, disponível em Cerqueira (2000). Constatou-se que o estilo de aprendizagem da maioria dos acadêmicos do curso de Administração da instituição pesquisada é assimilador (45,7%) e convergente (37,1%), com pouca diferença percentual tanto para o sexo masculino quanto para o sexo feminino. Ainda, apreendeu que o estilo de aprendizagem do discente não está tão uniformemente distribuído como na pesquisa desenvolvida por Berndt e Igari (2003) com os docentes. Sugere-se que novas pesquisas relacionando os estilos dos discentes e os estilos dos docentes sejam desenvolvidos.

Palavras-chave: Aprendizagem Vivencial; Estilo de Aprendizagem, David Kolb

ABSTRACT:

Seeking to understand the learning style of the academic management of an institution of higher education of the middle west of Paraná, according to the assumptions of David Kolb, this study sought to describe the methods of experiential learning, to discuss the proposed experiential learning proposed by the author, and highlight the style of academic learning. In developing the research used a quantitative-descriptive, with a data collection technique proposed by Kolb, available in Cerqueira (2000). It was found that the learning style of most students of Directors of the research institution is assimilating (45.7%) and convergent (37.1%), low percentage difference for both males and for females. Still, that seized the student's learning style is not as evenly distributed as the research developed by Berndt and Igari (2003) with teachers. It is suggested that new research linking the styles of the students and teachers of the styles are developed.

Keywords: Experiential Learning; Learning Styles; David Kolb

¹ Professor do CTESOP e FUC. wanderosn.gresele@hotmail.com

² Funcionário da CTESOP. romeriogm@hotmail.com

1 INTRODUÇÃO

Os professores estão buscando cada vez mais aproximar o acadêmico ao campo prático, esse é ponto que trata a aprendizagem vivencial: mostrar como o aluno se comporta diante dos vários métodos utilizados, onde é mesclada a teoria com a prática e se reflete sobre a *práxis* pedagógica. O fato é que cada pessoa responde de modo diferente ao mesmo estímulo. Alguns têm facilidade em aprender apenas ouvindo, outros precisam do estímulo da cópia, já alguns dependem de uma exposição prática do assunto. Neste caminho, aprender é modificar o comportamento, em especial, a aprendizagem vivencial ressalta a interação entre o acadêmico e o meio, onde cada aluno procura relacionar-se aos estímulos recebidos conforme suas necessidades.

No caminho pela busca do conhecimento os alunos atravessam várias fases, ou ainda, estágios. Nestes ciclos alguns valorizam as experiências cotidianas, a informação captada no meio ambiente, já outros dão maior ênfase na observação e na reflexão, para formarem suas opiniões. Ainda, na mesma linha de pensamento, pode-se observar que existem os que preferem usar a lógica para resolverem os problemas apresentados. Ainda, podem ser descritos as pessoas que optam pela experimentação ativa, esse grupo interessa-se em descobrir como as teorias e esquemas funcionam na prática. Em suma, o modo como cada pessoa melhor aprende é a preocupação essencial da teoria kolbiana (CIRQUEIRA, 2000).

Para Kolb, tal como dito em Cridal (2003), os novos conhecimentos, habilidades ou atitudes são alcançados através do confronto entre quatro modos de aprendizagem vivencial: experiência concreta, observação reflexiva, concepção abstrata e experimentação ativa. Assim, o docente deve adotar uma postura que facilite a troca de experiências e estimule a interpretação da teoria e da prática de forma crítica.

A importância dos estilos de aprendizagem deve ainda ser pensados também, não somente no campo das instituições de ensino, mas tal como delineiam Nonaka e Takeuchi (1997), os professores, ou ainda administradores, devem estar cientes que a Gestão do Conhecimento está relacionada ao conhecimento organizacional, que é a capacidade de uma empresa de criar novo conhecimento, difundi-lo na organização como um todo e incorporá-lo a produtos, serviços e sistemas. “Os seres humanos adquirem conhecimentos criando e organizando ativamente suas próprias experiências. O conhecimento que pode ser expresso em palavras representa apenas uma pequena parte do todo. Podemos saber mais do que podemos dizer” (NONAKA e TAKEUCHI, 1997, p. 4).

Em suma, descobrir o meio principal de como as pessoas aprendem pode ser de fundamental importância, tanto para o ensino das empresas como o desenvolvimento organizacional, pois, se considerar o modo como as pessoas aprendem, as organizações estariam em condições de melhorar e aumentar a capacidade de aprender.

Neste caminho, este trabalho carrega em seu cunho apreender qual o estilo de aprendizagem do acadêmico de Administração de uma instituição de Ensino Superior localizada na região Oeste do Estado do Paraná. Não obstante, também se busca relacionar os estilos encontrados com o estilo do docente de Administração delineado por Berndt e Igari (2003).

Para tal, buscamos delinear um aporte teórico sobre os estilos de aprendizagem de David Kolb, que foi o delineamento teórico escolhido para o desenvolvimento desta pesquisa. Neste caminho, destacamos o que vem a ser a aprendizagem vivencial, os seus modos e estilos de aprendizagem, além, de destacar também a pesquisa desenvolvida por Berndt e Igari (2003) junto aos docentes de Administração. Logo em seguida ao quadro teórico estão delineados as escolhas metodológicas e o desenvolvimento das análises.

2. APORTE TEÓRICO: TEORIA KOLBIANA

Neste ponto destacam-se os delineamentos teóricos. A guia mestra nesta pesquisa está relacionada com a teoria kolbiana. O trabalho de David Kolb tem seu embasamento nos estudos sobre o desenvolvimento do conhecimento e do pensamento. David Kolb, segundo Teixeira (2007), tornou-se um psicólogo mundialmente conhecido devido às suas pesquisas sobre os estilos de aprendizagem do qual é considerado pioneiro na formação de teses sobre o assunto. A partir de suas ideias uma enorme quantidade de seguidores surgiu inicialmente nos Estados Unidos e posteriormente no resto do mundo. E todas as aplicações, estudos, pesquisas, teses concentram-se no campo do ensino de administração, contabilidade, economia e inclusive engenharia.

2.1 Aprendizagem Vivencial

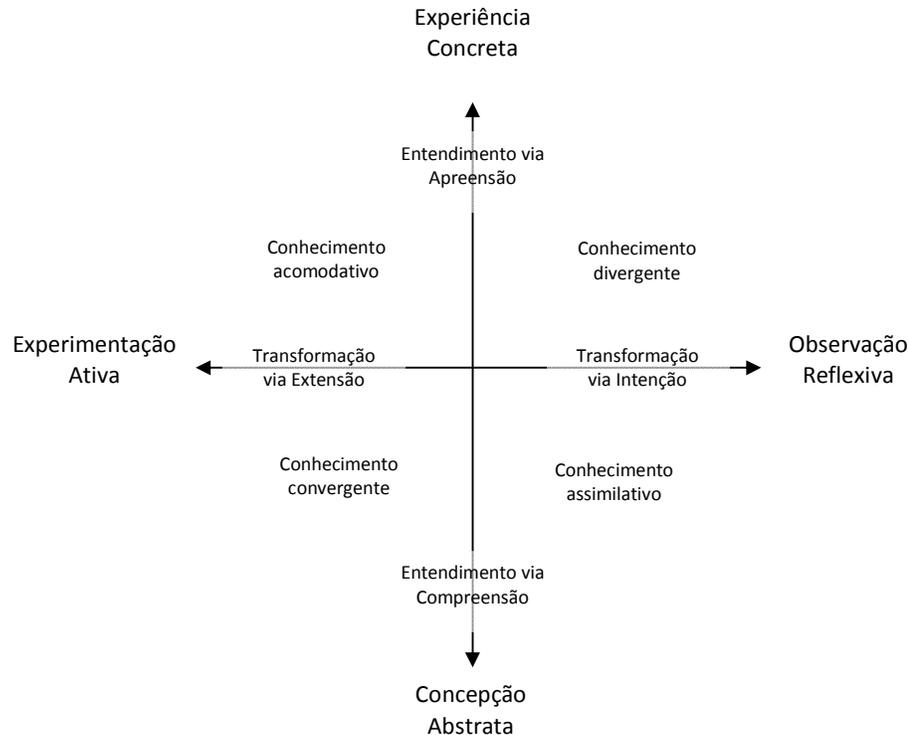
A aprendizagem vivencial para Kolb, conforme referenciado por Cridal (2003), valoriza a vivência do aluno e o meio ambiente físico e social. As informações passadas pelo meio são adaptadas conforme as necessidades e interesses de cada aluno, para facilmente ocorrer o momento de interação, quando é efetivada a aprendizagem, a partir daí cada pessoa, através da interpretação da sua experiência, estrutura seu processo de construção do conhecimento.

Pode-se fundamentar a aprendizagem vivencial como sendo um processo contínuo embasado na experiência; exige a resolução de conflitos entre modos dialeticamente opostos de adaptação ao mundo; um processo holístico de adaptação ao mundo; envolve transações entre a pessoa e o ambiente; é o processo de criação de conhecimento. Ainda deve-se considerar que a aprendizagem é o processo pelo qual o conhecimento é criado através da transformação da experiência em um ciclo de quatro estágios, conforme pode ser melhor visualizado na Figura 01 (KOLB *apud* CRIDAL, 2003).

Kolb citado por Cridal (2003), diz que do ponto de vista estrutural, na aprendizagem vivencial o aprendiz deverá lidar com duas dimensões cuja combinação sugere a existência de quatro formas elementares de conhecimento. Uma destas dimensões está representada pela dialética entre experiência concreta, concepção abstrata e se operacionaliza pelo entendimento através da apreensão imediata da experiência concreta ou pela compreensão das representações simbólicas da experiência.

A outra dimensão diz respeito à dialética entre experimentação ativa, observação reflexiva e se operacionaliza pela transformação através da ação sobre a realidade (extensão) com base no entendimento da experiência ou através da intenção de assimilar o entendimento da experiência ao conjunto do conhecimento já disponível. Nesta relação Kolb propõe quatro formas elementares de conhecimento a partir da combinação das duas dimensões (FIGURA 1).

FIGURA 01 - DIMENSÕES ESTRUTURAIS DO PROCESSO DE APRENDIZAGEM VIVENCIAL.



FONTE: Adaptado de KOLB *apud* CRIDAL (2003, P. 40).

Deste modo, do ponto de vista estrutural, a aprendizagem vivencial concebe o conhecimento como um processo, ou melhor, um ciclo, de construção e reconstrução do qual participam modos dialeticamente opostos de representação da experiência e de transformação da experiência. Assim, do ponto de vista da dinâmica do processo de aprendizagem, KOLB (*apud* CRIDAL, 2003, p. 42) destaca que

o ciclo pode iniciar de qualquer um dos quatro pontos e que na realidade a abordagem se caracteriza por uma espiral na medida que o conhecimento é um processo contínuo de integração de experiências e conceitos. Sugere-se que muitas vezes o processo de aprendizagem começa com uma ação que se desdobra em efeitos com os quais o indivíduo toma contato (EC). A partir disto ocorre o entendimento destes efeitos de forma que se a mesma ação for tomada nas mesmas circunstâncias será possível antecipar o que sucederá a ação (OR). Neste padrão, o terceiro passo seria entender o princípio geral sob o qual aquela experiência ocorre, havendo com isto uma generalização (CA). Quando o princípio geral é entendido, o último passo toma lugar através da ação em uma nova circunstância dentro das possibilidades oferecidas pela generalização (EA). Entretanto, abre-se neste último passo a oportunidade de novo entendimento iniciando um novo ciclo.

Neste processo cíclico em espiral, dois aspectos relacionados aos trabalhos de Lewin têm importância especial, que é “o uso a experiência concreta, do ‘aqui e agora’ para testar ideias; e o uso do *feedback*

para mudar práticas e teorias” (KOLB, *apud* CRIDAL, 2003, p. 42). Além, outros trabalhos são destacados nas bases kolbianas, tal como a natureza processual da construção do conhecimento preconizada por Dewey e os aspectos cognitivos da construção do conhecimento a partir da interação com o ambiente através dos processos de acomodação e assimilação propostos por Piaget. Assim, o modelo de aprendizagem vivencial proporciona o embasamento conceitual necessário para o desenvolvimento de competências.

Em suma, o trabalho de Kolb (1971) busca saber como as pessoas aprendem como solucionam problemas e tomam decisões, pautadas na própria experiência da pessoa. Este processo se torna de fundamental importância para todas as organizações, pois, se considerar o modo como as pessoas aprendem, elas estariam em condições de melhorar e aumentar a capacidade de aprender.

2.2 Modos de Aprendizagem e Estilos de Aprendizagem de Kolb

Conforme delineado Kolb propõe um modelo de aprendizagem baseado em um processo cíclico (ver Figura 01) de quatro etapas que são resultantes da relação pensar *versus* fazer e sentir *versus* observar, que tratam, respectivamente, dos modos de aprendizagem de Experiência Concreta (EC) *versus* Observação Reflexiva (OR) e Conceituação Abstrata (CA) *versus* Experimentação Ativa (EA), que são quatro modos distintos que fazem parte de um mesmo ciclo.

A experiência concreta (EC) trata do modo de aprender através dos sentimentos e do uso de sentidos. Nesta etapa do ciclo de aprendizagem há um maior destaque na relação pessoal do acadêmico com outras pessoas. O aluno, neste caminho, tende a confiar mais nos seus sentimentos do que em métodos de solução de problemas. Na situação de aprendizagem há uma maior confiança em seu critério e capacidade. Neste modo de aprendizagem as pessoas tendem aprender com o resultado de experiências específicas, relacionando com as pessoas, sensível aos sentimentos e às pessoas.

Na observação reflexiva (OR) as pessoas aprendem observando. Nesta etapa do ciclo de aprendizagem se compreendem as ideias e as situações provenientes de diferentes perspectivas. Neste caso, as pessoas confiam na paciência, objetividade e em um juízo cuidadoso, mas não tomam nenhuma ação, simplesmente confiam nos seus próprios pensamentos e sentimentos para formular opiniões. Ou seja, neste ponto as pessoas observam cuidadosamente antes de fazer um julgamento, olham vários ângulos e buscam o significado das coisas.

Em terceiro, na conceituação abstrata (CA), aprende-se pensando, nessa etapa, utiliza-se a lógica e as ideias. Em geral, os alunos apoiam-se na organização sistemática e desenvolvem teorias e ideias para resolver os problemas. Em suma, no modo de aprendizagem relacionada com a conceituação abstrata há a análise com lógica, organização sistemática e compreensão intelectual da situação.

Por fim, na experimentação ativa (EA) os alunos aprendem fazendo, a aprendizagem neste modo toma uma forma ativa, ou seja, os acadêmicos experimentam com a intenção de influenciar ou modificar situações, e tem um enfoque prático e um interesse pelo que realmente funciona, não pela mera observação de uma situação. Ou seja, aprecia-se o cumprimento das coisas e gosta de ver os resultados de sua influência e engenhosidade.

Os quatro modos de aprendizagem apresentados anteriormente não descrevem completamente o estilo de aprendizagem de um estudante, pois o estilo de aprendizagem de cada um é uma combinação dos quatro modos básicos de aprendizagem. Mas, pode-se destacar o estilo de aprendizagem predominante de uma pessoa.

Para obter o estilo de aprendizagem predominante Kolb (1986, p. 39) desenvolveu um inventário de estilo de aprendizagem, que “foi projetado como um auxílio para ajudar a identificar seu próprio estilo de aprendizagem. Os quatro modos de aprendizagem: experiência concreta, observação reflexiva, conceptualização abstrata e experimentação ativa, representam os quatro estágios do processo de aprendizagem”. Assim este inventário

foi planejado para avaliar a importância relativa de cada um desses estágios, a fim que possa ter indicação de quais modos de aprendizagem costuma-se enfatizar. Nenhum deles é melhor ou pior que qualquer outro. Mesmo um perfil equilibrado não é necessariamente o melhor. A chave para ter uma aprendizagem eficiente é ser competente em cada modo quando isso for apropriado. Um alto escore em um modo pode significar uma tendência a superenfatizar aquele aspecto do processo de aprendizagem às custas dos outros. Um baixo número de pontos em um modo pode indicar uma tendência a evitar aquele aspecto do processo de aprendizagem (KOLB 1986, p. 39).

Neste caminho os resultados dos modos de aprendizagem são relacionados dois a dois, gerando quatro estilos de aprendizagem. Ou seja, Kolb diz que há alguns estilos de aprendizagem que se relacionam com os referidos estágios do conhecimento, são eles: estilo de aprendizagem convergente, combinam as etapas de aprendizagem da conceitualização abstrata (CA) e da experimentação ativa (EA); estilo de aprendizagem divergente, combina as etapas de aprendizagem da experiência concreta (EC) e da observação reflexiva (OR); estilo de aprendizagem assimilador, combina as etapas de aprendizagem da conceitualização abstrata (CA) e da observação reflexiva (OR); e por fim, o estilo de aprendizagem acomodador, combina as etapas de aprendizagem da experiência concreta (EC) e da experimentação ativa (EA) (KOLB, *apud* CRIDAL, 2003).

O estilo convergente, segundo Kolb, conforme delineado por Cerqueira (2000), que é o conhecimento resultante da experiência entendida através da apreensão e transformada pela intenção. Os alunos inclinados a este estilo se destacam quando se busca encontrar uso prático das idéias e teorias. Neste as pessoas têm a capacidade de resolver problemas e tomar decisões, prefere situações ou problemas técnicos a temas interpessoais. As habilidades ligadas a esses estilos estão relacionada com carreiras técnicas e de especialização.

Já no estilo de aprendizagem divergente, obtido pela experiência entendida através da compreensão e transformada pela intenção, as pessoas atuam melhor quando se trata de observar situações concretas de diferentes pontos de vista, buscando atuar mais a que observar. Para a pessoa inclinada a este estilo há necessidade de situações que requeiram uma ampla gama de idéias, pois provavelmente este aluno gosta de reunir informações e interesses culturais. Este estilo é convergente para as carreiras de artes e espetáculos em geral.

Em terceiro, o estilo assimilador, que é resultante da experiência entendida pela compreensão e transformada pela extensão, trata de entender uma ampla gama de informações e dar-lhe uma forma concisa e lógica. A pessoa com esse estilo predominante se interessa, provavelmente, menos por pessoas, mas mais em idéias e conceitos, considerando mais importante uma teoria com um sentido lógico do que um valor prático. Esse é eficaz em carreiras científicas e de informações.

O acomodador, resultante da experiência entendida pela apreensão e transformada pela extensão, possui a capacidade de aprender principalmente com sua experiência prática. Se um aluno possui este estilo predominante provavelmente ele aprecia levar a cabo planos e envolver com novas e desafiante experiências, pois sua tendência é agir guiado por seu instinto do que pela lógica. Nas soluções de problemas tende a confiar muito mais nas pessoas do que na sua própria análise. Este é importante em profissões que tendem à ação, tal como a área de venda.

2.3 O Perfil e Estilo do Docente de Administração

O estudo de Berndt e Igari (2003) apresentam algumas respostas de caracterização do docente de graduação de Administração, em variáveis demográficas na abordagem de aprendizagem vivencial.

De acordo com os autores o fato da área de Administração pertencer às ciências aplicadas e, não às ciências tradicionais, dificulta a busca de um padrão de perfil do docente. Atuam no curso de Administração, além dos administradores formados, profissionais das áreas de exatas e de outras áreas humanas. Estas diversidades de origens formam um conjunto de docentes heterogêneos, quanto à área de origem profissional do docente.

Segundo Berndt e Igari (2003) em 2002 atuaram em cursos de graduação em administração um pouco mais de 19 mil docentes. O olhar do discente para a eficácia de atuação do docente é feito corriqueiramente, em muitos cursos, quando no final de uma disciplina os alunos respondem questionários de avaliação do desempenho docente, sendo parte da avaliação institucional das IES.

Segundo Kolb (apud BERNDT e IGARI, 2003) a aprendizagem é a modificação do comportamento como resultado de uma experiência. A aprendizagem vivencial valoriza a interação da vivência do aluno e o meio ambiente (conceitos, experiências dos mestres e colegas). Há primeiramente, uma aquisição da informação, habilidade, ou experiência. Este estímulo externo e o repertório interno do indivíduo interagem e direcionam a aprendizagem para outro momento, quando há uma especialização do conhecimento. As informações são adaptadas conforme as necessidades e interesses dos alunos, para finalmente ocorrer o momento de interação, quando é efetivada a aprendizagem, ou seja, cada pessoa, através da interpretação da sua experiência, estrutura seu processo de construção do conhecimento.

A aprendizagem vivencial, como um processo, transita em dois eixos: captar e transformar. Captar ou prender algo intelectualmente no seu ato de aprendizagem, é o “a-prender”. Transformar é internalizar o que se aprendeu, “com-prender”. Captar é exercitar a percepção decodificando as informações externas e aproximando-as da sua vivência, juntamente com o repertório armazenado. No processo de transformação a informação antes isolada ganha uma significância através da reflexão e da análise crítica. Captar e transformar são ações permanentes da mente humana.

A aprendizagem, segundo Kolb (apud BERNDT e IGARI, 2003), é um ciclo de interação, permitindo que cada nova informação seja experimentada, observada, refletida e conceituada. Podem ser observados quatro estágios ou fases distintas na construção da aprendizagem, experiência concreta, observação reflexiva, conceituação abstrata e experimentação ativa.

Em seus estudos Kolb (apud BERNDT e IGARI, 2003), identificou cada um dos quatro estágios de aprendizagem, inter-relacionando-os com as características individuais do aprendiz, a partir do seu inventário do estilo de aprendizagem (*Learning Style Inventory – LSI*).

Para Berndt e Igari (2003), este instrumento é utilizado para atender dois objetivos: o primeiro é através da identificação do estilo que se pode construir caminhos para que os alunos respondam aos estímulos da aprendizagem, reduzindo as tensões entre o abstrato e o concreto, a ação e a reflexão. Segundo para os alunos que enfatizam “a experiência concreta”, o professor deve adotar uma postura que facilite a troca de experiência. O professor, para os que enfatizam a “observação reflexiva” deverá ser um intermediador capaz de conduzir atividades que permitam ao aluno interpretar de forma crítica a experiência. Para o estágio da “conceituação abstrata”, o professor deverá apresentar os conteúdos, sintetizados da forma mais lógica e concisa, permitindo que seus alunos reflitam e adaptem-nos a sua realidade. O professor, para o estágio da “experimentação ativa”, deverá adotar uma postura desafiadora, convidando os alunos a experimentar as teorias na prática.

Ainda, Berndt e Igari (2003) observam que, o segundo objetivo, é permitir ao próprio respondente tomar consciência do seu estilo de aprendizagem, em composição com os diversos estilos de aprendizagem de seus alunos, dependente também da natureza da disciplina que ministra, cada estilo de aprendizagem é composto em sequência dois estágios de aprendizagem propostos. Cada um destes estilos é uma combinação de um estágio captar com um do transformar.

Assim, a partir do primeiro estágio da “experiência concreta”, juntando-se dois a dois obtêm-se os quatro estilos de aprendizagem. Kolb citado por Berndt e Igari (2003), sugerem os estilos de aprendizagem “acomodador”, “assimilador”, “convergente” e “divergente”.

Para Berndt e Igari (2003) no estilo “divergente”, as pessoas buscam o conhecimento através da observação, elas olham para os problemas de diversas formas, ou seja, de variados pontos de vista. Neste sentido, o discente acaba observando mais do que agindo, graças a sua capacidade imaginativa e sensibilidade para o que os outros pensam, estas pessoas direcionam sua atividade profissional para a área das artes ou de serviços.

O estilo “assimilador” compete às pessoas que são capazes de guardar informações de forma lógica e clara para serem consultadas. Este estilo leva o profissional a seguir carreiras na parte de ciências e de informações, por privilegiar o uso do intelecto. No “convergente” as pessoas têm maior facilidade em resolver problemas técnicos, onde, elas buscam usar a teoria para resolver problemas práticos. Suas habilidades facilitam carreiras técnicas e de especializações. Por fim, para o “acomodador” a prática é a melhor forma de ensinar. Algumas das características dessas pessoas são a busca por novas experiências e o comprometimento com seus planos. Essas pessoas seguem mais os seus instintos que as planilhas e acreditam nas pessoas para obter informações para resolução dos problemas. São encontrados com frequências em funções voltadas para a ação e se adaptam com facilidade nas formações técnicas e práticas.

Kolb (*apud* BERNDT e IGARI, 2003), sugere uma sequência que compõe o aprendizado partindo da “experiência concreta”, passando para a “observação reflexiva”, desta para a “conceituação abstrata” e, em seguida para a “experimentação ativa” fechando o círculo com uma nova “experiência concreta”. Nota-se que Kolb (1984) não considera um estilo de aprendizagem a combinação de dois estágios no mesmo eixo, pois o conceito de estilo exige para ele sempre a composição de um estágio captar e transformar.

Os conceitos propostos por Kolb (*apud* BERNDT e IGARI, 2003), permitem análise em dois momentos. Um primeiro momento refere-se às repostas nos quatro estágios de aprendizagem propostos por Kolb. Em um segundo momento, uma análise dos quatro estilos resultantes de composições de dois em dois estágios.

Na pesquisa de Berndt e Igari (2003) há uma ínfima diferença entre os pontos atribuídos aos diferentes estágios. Há uma pequena saliência para o estado da conceituação abstrata (26,1%), que é o estágio da teorização ou esquematização de ideias. Da mesma maneira, parece haver uma ligeira tendência das mulheres docentes privilegiarem a experimentação ativa, ou seja, serem um pouco mais práticas que os homens.

Para Berndt e Igari (2003), agrupando os estágios na sistemática sugerida por Kolb, gerando quatro estilos de aprendizagem, observa-se que os homens privilegiam ligeiramente a teorização através de maior acúmulo de pontos no estilo assimilador (26,2%), enquanto as mulheres estão distribuídas equitativamente entre os quatro estilos.

TABELA 01 - ESTILOS DE APRENDIZAGEM

Estilo	Masculino	Feminino	Total
Divergente	24,2%	24,4%	24,3%
Assimilador	26,2%	24,8%	25,7%
Convergente	25,8%	25,6%	25,7%
Acomodador	23,8%	25,2%	24,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%

FONTE: BERNDT e IGARI (2003, p. 34)

Em suma, dos 350 entrevistados por Berndt e Igari (2003), 225 são homens e 125 são mulheres. Quando comparados por sexo, o estilo Assimilador se mostra com uma pequena acentuação entre os homens (26,2%), já nas mulheres os estilos de aprendizagem estão divididas de forma similar entre os 4 estilos de aprendizagem propostos por Kolb.

3. METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

A metodologia utilizada para este estudo foi quantitativo-descritivo onde segundo Tripoidi *et AL.*, citado por Marconi e Lakatos (2003), consiste em investigações de pesquisa empírica cuja principal finalidade é o delineamento ou análise das características de fatos ou fenômenos, a avaliação de programas, ou o isolamento de variáveis principais ou chave. Qualquer um desses estudos pode utilizar métodos formais, que se aproximam dos projetos experimentais, caracterizados pela precisão e controle estatísticos, com a finalidade de fornecer dados para a verificação de hipóteses. Todos eles empregam artifícios quantitativos tendo por objetivo a coleta sistemática de dados sobre populações, programas, ou amostras de populações e programas. Utilizam várias técnicas como entrevistas, questionários, formulários etc. e empregam procedimentos de amostragem.

Já como instrumentos para coletas de dados primários foram realizados questionários padronizados ou estruturadas que, segundo Lakatos e Marconi (1991), é aquela que o entrevistador segue um roteiro previamente estabelecido; as perguntas feitas ao indivíduo são predeterminadas. A metodologia utilizada para a apuração do questionário sugere o cruzamento dos estágios de aprendizagem, ou seja, a experiência concreta, a observação reflexiva, a conceituação abstrata e a experimentação ativa, apresentadas por Kolb, conforme disponível em Cerqueira (2000).

Os dados foram coletados por meio do Inventário de Estilos de Aprendizagem, desenvolvido por Kolb em 1976 e revisado em 1985 e 1993. A versão utilizada foi a última, disponível em Cerqueira (2000). Com este instrumento buscou-se identificar os estilos de aprendizagem dos acadêmicos de Administração de uma faculdade do oeste paranaense.

Foram questionados 137 acadêmicos do curso. Houve uma porcentagem de cerca de 15%, ou seja, 21 questionários, invalidados devido a falta de informações. Assim a população formada por essa

pesquisa é de 116 informantes. Seguindo, quanto ao perfil dos acadêmicos, pode-se dizer que os acadêmicos de administração possuem uma idade entre 17 e 21 anos (84,5%), são solteiros (83,6%), trabalham (87,9%), por fim, a maioria é do sexo feminino (56,0%).

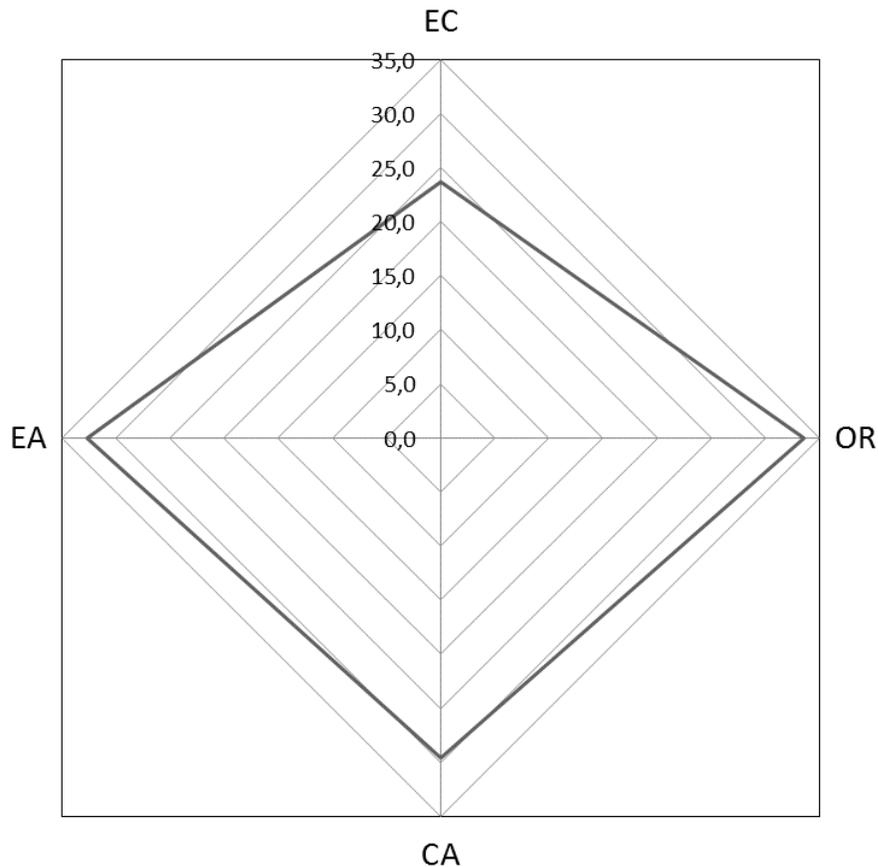
Conforme já destacado, o instrumento de Kolb apresenta uma relação entre sentir, observar, pensar e fazer, que representa respectivamente os seguintes modos de aprendizagem: Experiência Concreta, Observação Reflexiva, Conceituação Abstrata e Experimentação ativa. Após a análise dos Inventários de Estilo de Aprendizagem conseguiu-se apreender o estilo de aprendizagem predominante dos acadêmicos. Constatou-se que a grande maioria dos acadêmicos possui um modo de aprendizagem relacionado com a observação e o fazer, ou seja, nos modos de aprendizagem de observação reflexiva e experimentação ativa, esses obtiveram respectivamente as seguintes frequências 57 (49,1%) e 39 (33,6%). O modo de aprendizagem menos presente nos acadêmicos de administração está relacionado com o sentir, ou seja, cerca de 75%, ou melhor, 87 acadêmicos têm experiência concreta como o último modo de aprender.

Pode-se, a fim de ilustrar um perfil geral dos estilos de aprendizagem dos acadêmicos de administração, fazer uma breve análise, com base na estatística descritiva, com os resultados alcançados nos modos de aprendizagem EC, OR, CA e EA. A tabela a seguir destaca os principais dados encontrados:

	<i>EC</i>	<i>OR</i>	<i>CA</i>	<i>EA</i>
Média	23,7	33,6	29,5	32,7
Erro padrão	0,42	0,50	0,43	0,45
Mediana	23,00	35,00	29,00	32,00
Moda	23,00	36,00	32,00	31,00
Desvio padrão	4,51	5,41	4,58	4,83
Variância da amostra	20,34	29,29	20,96	23,33
Curtose	0,38	1,04	- 0,49	0,20
Assimetria	0,45	- 0,93	0,22	0,03

FONTE: DADOS PRIMÁRIOS

Com base na média, apresentado na tabela, podemos desenvolver um diagrama colocando os pontos das modas de aprendizagem em cada uma das linhas. Após, unindo os pontos chegamos a um diagrama que apresenta os modos de aprendizagem mais e menos preferidos pelos acadêmicos:



FONTE: DADOS PRIMÁRIOS

Deve-se ser destacado que o inventário mede o quanto os alunos se apóiam em um dos quatro modos distintos de aprendizagem, que fazem parte de um ciclo. O que deve ser deixado claro é que cada pessoa tem um diferente tipo de aprendizagem. O processo de ensino eficaz, segundo Kolb, citado em Cerqueira (2000) une cada um desses modos. Mas, os professores não devem ignorar que em diferentes grupos sociais haverá predomínio maior de um modo de aprendizagem. Assim, em nosso caso, constatamos que o predomínio maior está relacionado com o modo de observação reflexiva (OR) e experimentação ativa (EA). Neste caminho, os trabalhos dos professores devem ser norteados por esses conceitos.

É na observação reflexiva onde se compreendem as ideias e as várias perspectivas. Neste modo, o aluno confina na paciência, na objetividade e em um juízo cuidadoso, porém não toma nenhuma ação, e confia nos próprios pensamentos e sentimentos para formular sua posição. Em suma, no modo de observação reflexiva as pessoas observam cuidadosamente antes de fazer um juízo, vêm as coisas de diferentes perspectivas e buscam o significado das coisas. Já na experimentação ativa (EA) o estudante experimenta com a intenção de influenciar situações, e possui um foco prático e no que funciona, em oposição à mera observação, este aluno aprecia o desenvolvimento das atividades e gosta de ver os resultados de seu empenho. Em suma, no modo de experimentação ativa (EA) as pessoas têm habilidade para cumprir as tarefas, envolver riscos, influenciar pessoas e acontecimentos por meio da ação (KOLB *apud* CIRQUEIRA, 2000).

Além, tem que se considerar que os modos de aprendizagem de Experiência Concreta, Observação Reflexiva, Conceitualização Abstrata e Experimentação ativa, sozinhos não descrevem completamente o

Estilo de Aprendizagem específico, pois este é a combinação dos quatro modos. Mas, para obter o estilo de aprendizagem predominante, os resultados dos quatro modos de aprendizagem (CA, EC, EA e OR), são combinados dois a dois, ou seja, sentir (EC) *versus* observar (OR) e pensar (CA) *versus* fazer (EA), gerando quatro resultados de estilos de aprendizagem, que são os seguintes: estilo de aprendizagem convergente, estilo de aprendizagem divergente, estilo de aprendizagem assimilador e estilo de aprendizagem acomodador.

Conforme podemos constatar nos dados anteriormente apresentados, na relação sentir (EC) *versus* observar (OR) foi constatado que o modo de aprendizagem dos acadêmicos está relacionado mais fortemente com o abstrato, isto em 82,8% dos casos. Já na relação pensar (CA) *versus* fazer (EA) encontrou-se uma maior homogeneidade dos dados, ou seja, 55,2% está relacionado mais fortemente com a reflexão (OR) e 44,8% está inclinado ao ativo (EA). Assim podemos dizer, em linhas gerais, que o estilo de aprendizagem dos acadêmicos é assimilador e convergente em, respectivamente em 45,7% e 37,1% dos acadêmicos (Este dado pode ser mais bem visualizado na Tabela 02).

Na pesquisa de Berndt e Igari (2003) observou-se que os docentes homens possuem uma tendência relativamente pequena ao estilo assimilador (26,2%), enquanto as mulheres estão distribuídas equitativamente entre os quatro estilos. Nesta pesquisa constatamos o seguinte (Tabela 02):

TABELA 02 - ESTILOS DE APRENDIZAGEM DOS DISCENTES DE ADMINISTRAÇÃO

Estilo	Masculino		Feminino		Total	
Convergente	18	35,3%	25	38,5%	43	37,1%
Assimilador	25	49,0%	28	43,1%	53	45,7%
Acomodador	3	5,9%	6	9,2%	9	7,8%
Divergente	5	9,8%	6	9,2%	11	9,5%
Total	51	100,0%	65	100,0%	116	100,0%

FONTE: DADOS PRIMÁRIOS

Com os dados disponíveis na tabela (Tabela 02) pode-se destacar, novamente, o predomínio dos estilos de aprendizagem convergente e assimilador tanto no sexo masculino quanto no feminino. Em comparação com o estilo de aprendizagem dos docentes de Administração podemos ao mínimo destacar um ponto. Os estilos encontrados por Berndt e Igari (2003) junto aos docentes estão mais bem uniformemente distribuídos, tal como pode ser destacado na Tabela 01, já os estilos dos alunos do curso de Administração apreendidos nesta pesquisa está predominantemente localizado em dois estilos. Este ponto fica ainda mais evidente no sexo feminino.

Em suma, o estilo de aprendizagem da maioria dos acadêmicos do curso de administração da instituição pesquisa é assimilador (45,7%) e convergente (37,1%), tanto para o sexo masculino (49,0% e 35,3%) quanto para o sexo feminino (43,1% e 38,5%). No estilo de aprendizagem assimilador a pessoa se destaca a entender um grande quantidade de informações e consegue atribuí-los uma lógica, não tem tanto interesses por pessoas, mas por ideias abstratas, considerando que é mais importante que uma teoria tenha um sentido lógico do que um valor prático, sendo assim eficaz em carreiras científicas e de informações.

Já o estudo convergente nos diz que essa pessoa se destaca em encontrar um uso prático das ideias e teorias, tendo assim capacidade em resolver problemas de tomar decisões que se baseiam em encontrar soluções para problemas, preferindo, deste modo, manejar situações, sendo assim eficazes em carreiras

técnicas e de especialização. Por fim, podemos destacar que o estilo de aprendizagem do discente não está tão uniformemente distribuído, tal como na pesquisa desenvolvida por Berndt e Igari (2003) com os docentes. Devem-se destacar ressalvas com esta última análise, pois se estará comparando os discentes de uma instituição com um grupo de docentes não pertencendo a esta instituição. Assim, sugere-se novas pesquisas relacionando os estilos dos docentes *versus* os estilos dos docentes, todos de uma mesma instituição de Ensino Superior.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Essa pesquisa teve como foco conhecer o estilo de aprendizagem do acadêmico de Administração de um curso de Ensino Superior do médio oeste paranaense segundo os pressupostos de David Kolb. Também, não de forma principal, buscou-se confrontar o estilo de aprendizagem do aluno com o perfil e estilo do docente de Administração. Para tal buscou-se: descrever os métodos de aprendizagem vivencial; discutir a proposta de aprendizagem vivencial de Kolb; identificar o perfil e estilo de aprendizagem do acadêmico e apresentar o perfil e estilo do docente nacional de Administração.

Utilizando de um quantitativo-descritivo, a técnica de coleta de dados proposta por Kolb, disponível em Cerqueira (2000), constatou que o estilo de aprendizagem da maioria dos acadêmicos do curso de Administração da instituição pesquisada é assimilador (45,7%) e convergente (37,1%), tanto para o sexo masculino (49,0% assimilador e 35,3% convergente) quanto para o sexo feminino (43,1% assimilador e 38,5% convergente), e que o estilo de aprendizagem do discente não estão tão uniformemente distribuído como na pesquisa desenvolvida por Berndt e Igari (2003) com os docentes. Sugere-se que novas pesquisas relacionando os estilos dos discentes e os estilos dos docentes sejam desenvolvidas, para que o processo de ensino aprendizagem se torne mais efetivo.

4 REFERÊNCIAS

CERQUEIRA, T. C. S. **Estilos de Aprendizagem em Universitários**. Tese de doutorado para obtenção do Título de Doutor em Psicologia Organizacional, Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

CRIDAL, A. **Metodologia de Aprendizagem Vivencial para o desenvolvimento de competências para o Gerenciamento de Projetos de Implementação de Sistemas de Informações**. Florianópolis, SC: Universidade Federal de Santa Catarina, 2003.

KOLB, D. A.; RUBIN, I. M. ; MCLNTYRE, J. M.; tradução de OLIVEIRA, E. G. **Psicologia Organizacional: Uma abordagem Vivencial**. São Paulo: Atlas, 1986.

NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. ; tradução de RODRIGUÊS, A. B.; CELESTE, M. **Criação de conhecimento na empresa – como as empresas japonesas geram a dinâmica da inovação**. 17 ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

convibra 2015

WWW.CONVIBRA.ORG

Business Conference

BERNDT, A. ; IGARI, C. **Anais do XIV ENANGRAD.** Encontro nacional dos cursos de graduação em administração. Tema: O docente em Administração: Perfil e Estilo de Aprendizagem. 1. ed. Rio de Janeiro: Angrad, 2003.